



ENSAIO
SOBRE A
IDENTIDADE
PESSOAL

Alessandro Loiola
&
Gisele N. Ferreira

ManhoodBrasil Edições

ENSAIO SOBRE A IDENTIDADE PESSOAL

**Do Individualismo
ao Coletivismo**

**Alessandro Loiola
&
Gisele Nepomuceno Ferreira**

**Copyright © 2019 ManhoodBrasil
www.manhoodbrasil.com.br**

**MAN
HOOD
BRASIL**
Edições

Sobre a obra:

Neste ensaio em formato de e-book, o médico capixaba Alessandro Loiola e a psicóloga paulista Gisele Nepomuceno Ferreira (MSc) apresentam um intrigante panorama sobre como nos tornamos mentalmente aquilo que somos: de que maneira nossa Identidade Pessoal surge e se desenvolve?

Associando questionamentos filosóficos clássicos às descobertas mais atuais da neurociência e da psicologia, os autores oferecem um passeio por ideias profundamente relevantes para psicólogos, psiquiatras, professores, educadores, formadores de opinião, influenciadores digitais, amantes da filosofia e livres pensadores com interesse genuíno em atualizar-se sobre o tema.

O presente título é disponibilizado com o objetivo de disseminar o conhecimento para uso em pesquisas e estudos acadêmicos. Caso tenha interesse em conhecer outros conteúdos produzidos por ManhoodBrasil, teremos o maior prazer em receber sua visita em nosso site e redes sociais:

Site: www.manhoodbrasil.com.br

Facebook: <https://web.facebook.com/manhoodbrasil/>

Instagram: <https://www.instagram.com/manhoodbrasil/>

Índice

1. [Introdução](#)
2. [A Unidade Trinitária](#)
3. [Os Genes e a Fábula da Identidade Permanente](#)
4. [A Alma, a Identidade e o Cérebro](#)
5. [O Self e a Crise do Ego](#)
6. [Do Individual ao Coletivo](#)

1. INTRODUÇÃO

Em cada um de nós, habita uma unidade tão familiar quanto reservada. Muito mais que uma parte de seu corpo, um órgão, tecido ou célula, esta unidade representa fundamentalmente quem você é (ou pensa que é), e atende pelo nome de Identidade Pessoal.

“Identidade” deriva do Latim “idem” que significa “ser o mesmo”, e, desde sempre, foi muito mais biológica do que gostaríamos de pensar: ela não apenas se correlaciona, mas reflete de modo concreto sua atividade cerebral^{1,51,61}.

Ainda que você sonhe que sua mente seja um reino metafísico, um produto sobrenatural de forças transcendentais que sobreviverão à morte, a verdade é que sua personalidade, suas crenças e seu caráter derivam de estados orgânicos².

Diversas evidências mostram como mente, consciência, personalidade, memória e Identidade Pessoal dependem mundanamente do cérebro: traumas severos na cabeça correlacionam-se a um aumento de 3 vezes na prevalência de mudanças de personalidade. Estas mudanças ocorrem em 13% das pessoas após 1 ano do acidente, e em 12% nos 2 anos seguintes, especialmente quando a lesão afeta o córtex dorsal pré-frontal ou o lobo frontal como um todo. Alterações similares também acometem vítimas de tumores encefálicos ou derrame³⁻⁹.

Negar que a Identidade Pessoal seja um *processo cerebral* é um argumento tão válido quanto objetar que um raio seja *um processo de cargas elétricas*. O dualismo parapsicológico platônico que separou a mente do corpo simplesmente não se sustenta à luz da ciência – isso para não mencionar que Aristóteles achava que o cérebro servia apenas para esfriar o sangue, e Descartes considerava a consciência imaterial e que o pensamento correspondia à glândula pineal⁸⁸.

Os filósofos anteriores à implantação do método científico tinham excelentes percepções existenciais, não tenho como questionar isso, assim como posso afirmar, sem pestanejar, o quanto eram ingênuos com relação ao funcionamento da carne que habitavam.

A Identidade Pessoal também é um produto "social" na medida em que não nos criamos a partir do nada: as respostas para o que queremos ou precisamos entender são buscadas nos contextos que nos cercam e nas pessoas que nos importam ou incomodam.

A religião, o grupo étnico, o núcleo familiar, a escola, o ambiente de trabalho, os amigos, o modo de se vestir e a hierarquia sócio-cultural endossam e reforçam alguns aspectos da Identidade, e as relevâncias destes validadores externos mudam de um período para o outro⁵⁹.

A sensação de que conhecemos nossa própria Identidade Pessoal é importante para a estabilidade emocional de qualquer pessoa, mas esta certeza quase sempre se baseia em convicções falsas. As experiências e a vastidão das memórias autobiográficas acumuladas, associadas ao palpite de que permanecemos os mesmos ao longo dos dias e anos, são responsáveis pelo deslize constrangedor de acreditar que sabemos quem realmente somos.

Sua Identidade Pessoal, tão familiar para você, nasceu pronta para ser usada: no decurso da vida, cometemos mais erros que acertos, e estas tentativas refinam nosso conhecimento Moral acerca do que é *Bom e correto*, moldando a pessoa que nos tornamos a cada dia.

2. A UNIDADE TRINITÁRIA

As discussões mais sistemáticas sobre as origens da Identidade Pessoal tiveram início na década de 1950, quando o psicanalista Erik Erikson apresentou sua Teoria de Desenvolvimento Psicossocial, onde considerava a personalidade a peça mais importante da Identidade⁶⁰. A partir do século XX, a Identidade Pessoal foi sendo compreendida cada vez mais como uma auto-imagem editada pelo hábito e construída de acordo com as doutrinas do meio.

Por exemplo: para o psicólogo americano George Mead, contemporâneo de Freud, formamos nossa Identidade Pessoal principalmente através da interação e da comunicação, sob grande ingerência dos conflitos e das anomalias presentes na

sociedade, que nos controlam no mesmo tanto em que nos influenciam⁸⁹.

Para o sociólogo canadense Erving Goffman, a Identidade Pessoal é um construto que sustentamos utilizando recursos teatrais, estando sempre exposta ao risco de ser questionada, desmascarada ou destruída pelos outros⁹⁰.

Finalmente, para Heiner Keupp, a formação da Identidade não é um evento isolado da infância, mas um processo criativo de colagens umas sobre as outras que dura a vida toda, utilizando materiais recolhidos de fontes sociais, culturais e materiais⁶¹.

Em resumo: o consenso é de que a Identidade Pessoal não é um ponto fixo no mapa, mas uma construção dinâmica engendrada pelos momentos, escolhas e situações que encaramos. A ideia genial de Freud foi propor que esta construção se dava a partir de três blocos elementares: Id, Ego e Superego¹⁰.

É impossível deixar de observar que o modelo arquitetado por Freud em 1923 lembra bastante o monoteísmo trinitário católico (pai, filho e espírito santo), uma ideia que por sua vez parece ter sido furtada de religiões mesopotâmicas (ela está presente na mitologia sumérica dos deuses Anu, Enlil e Ea) e reeditada de maneira recorrente pelos egípcios (Amon, Re e Ptah), gregos (Zeus, Apolo e Atena), romanos (Júpiter, Marte e Vênus) e hindus (Brahma, Vishnu e Shiva)¹¹⁻¹³.

Ainda que o sistema Freudiano seja apenas ilustrativo, sem correspondência alguma à anatomia do cérebro, ele facilita enormemente o entendimento de como nossa mente funciona.

Feita esta observação, Freud propôs o seguinte:

O Id é a parte primitiva da mente que contém os impulsos sexuais e agressivos, as memórias ocultas e o instinto de sobrevivência. A Identidade Pessoal de um recém-nascido é 100% Id e apenas mais tarde ele desenvolverá um Ego e um Superego.

O funcionamento do Id permanece infantil ao longo de toda a vida e não muda com o tempo ou com as experiências, não sendo afetado pela realidade, pela lógica ou pelas vivências do cotidiano.

Quando o Id alcança seu objetivo, experimentamos prazer. Quando o Id se frustra, experimentamos tensão. Mas o raciocínio

do Id é ilógico, amoral e orientado por fantasias: o Id é movido unicamente pela noção de que *todo e qualquer* desejo deve ser satisfeito imediatamente. Ele não costuma “pensar” muito nas consequências de suas metas.

O Ego é a parte do Id que foi modificada por influências externas, tendo se desenvolvido como um negociador entre as demandas do Id e o mundo real. É o Ego quem guarda os paradigmas de raciocínio, emoção e comportamento que serão manuseados para proteger, desenvolver e refinar a totalidade de sua Identidade Pessoal.

Em latim, Ego significa simplesmente “Eu” – o “Eu” que habita funcionalmente a realidade. E este “Eu” não é estático: ele prospera e se altera de várias maneiras diferentes ao longo da vida.

Em um cenário ideal, o Ego trabalharia orientado pela Razão, oferecendo um contraponto ao caótico Id. Exposto ao mundo e trabalhando de modo objetivo para satisfazer os instintos, o Ego postergaria a satisfação de alguns desejos para evitar reações negativas da sociedade.

O Ego também procura a obtenção do prazer (ou seja: a redução da tensão) e a evitação da dor, mas ele preocupa-se em desenvolver estratégias de cunho prático para atingir os alvos designados.

Enquanto o Id diz *o quê*, o Ego ocupa-se do *como*.

Todavia, o Ego não possui exatamente conceitos de certo ou errado: para ele, algo é *bom* quando rende satisfação sem causar dano ao Id. Frequentemente, para não ficar feio na foto, o Ego tenta ganhar algum crédito pelo que foi deliberado, como se aquilo tivesse sido uma opção exclusivamente sua⁵⁰. Mas não é a capacidade negociadora do Ego quem elege os objetivos: esta tarefa cabe ao universo de desejos do Id.

Em um primeiro momento, é o Id quem que determina a lista de prazeres e, conseqüentemente, movimenta boa parte das escolhas de sua Identidade Pessoal. A racionalização feita pelo Ego – o *office boy* do Id – só ocorre mais tarde, como uma tentativa para legitimar na consciência aquilo que foi escolhido fora dela⁵².

Para Freud, o Id seria um cavalo e o Ego, o cavaleiro. As rédeas podem estar nas mãos do segundo, mas toda a força selvagem que lhe faz avançar sobre o mundo reside no primeiro.

Quando as potências do Ego são insuficientes para comandar o trote, a ansiedade emerge. Para lidar com esta ansiedade, vários escudos inconscientes – chamados *Mecanismos de Defesa* – são erguidos. A intenção é diminuir a tensão enquanto dispositivos secundários de raciocínio procuram solucionar o conflito.

Sempre que o Ego se sentir incapaz de satisfazer ao Id, ele repetirá esta jogada, acionando os Mecanismos de Defesa para ganhar tempo e consultar o mapa em busca de uma rota alternativa – e fará isso até conseguir encontrar uma saída. Esta dinâmica, conhecida como Teste de Realidade, permite que você manipule seus impulsos biológicos através do aprendizado.

Por último, temos o Superego – ou o “acima do Ego”.

O Superego é o receptáculo da Moralidade. É a parte da mente onde incorporamos os valores e as convenções fornecidas pelo convívio com outras pessoas. O Superego começa a ser formado durante o estágio fálico do desenvolvimento psicosssexual (por volta dos 3 ou 5 anos de idade), sendo o último aspecto da Identidade Pessoal a maturar.

A função do Superego é controlar os impulsos do Id que a sociedade não vê com bons olhos – como o sexo e a agressividade –, persuadindo o Ego a funcionar dentro de certos parâmetros Moralistas antes de viabilizar os desejos do Id.

Quando o Ego pisa no calo do Teste de Realidade, o Superego o pune trazendo à tona sentimentos de culpa, fazendo com que o Ego tire do bolso seus Mecanismos de Defesa.

Quando o Ego age de maneira apropriada, o Superego o premia com uma profunda sensação de prazer e orgulho pelos bons serviços prestados.

A despeito do Superego só iniciar sua marcha por volta dos 3 anos de idade, os rudimentos da Identidade podem ser percebidos bem antes disso, como evidenciado pelo Teste do Espelho.

O Teste do Espelho consiste em fazer uma marca na frente do indivíduo sem que ele perceba e então apresentar-lhe um espelho e verificar se ele tenta remover o sinal. Quando submetidas ao

Teste, muitas crianças com 18 meses de idade e quase todas com 24 meses ou mais demonstram reconhecer a si mesmas.

Apesar do Teste do Espelho ter pouca objetividade e muito antropocentrismo, alguns animais não-humanos já demonstraram aptidão para superá-lo: até aqui, elefantes asiáticos, bonobos, chimpanzés, orangotangos, gorilas, golfinhos nariz de garrafa, orcas, suínos, a pega-rabuda (uma ave da família *corvidae* nativa da Eurásia) e algumas espécies de formiga foram capazes de passar no Teste sem maiores embaraços⁵⁹. A Identidade Pessoal certamente não é uma exclusividade de nossa espécie.

As distinções Freudianas entre Id, Ego e Superego representaram um enorme avanço na compreensão de várias ações e reações humanas. Infelizmente, a popularização do termo “Ego” o fez ser compreendido como um sinônimo barato para possessividade, orgulho e pedantismo – o que é um erro, mas voltaremos a isso mais adiante.

Muitos séculos antes da “unidade trinitária” de Freud e dos estudos de Erik Erikson, a discussão sobre como desenvolvíamos uma Identidade Pessoal envolveu doses generosas de transcendentalismo.

Para Platão, a alma regia a matéria inanimada e manifestava-se no universo de múltiplas formas: é ao conjunto de corpo e alma que chamamos de ser vivo e mortal, anotou ele⁸⁷.

Para Descartes a alma, imutável e distinta do corpo, era a fonte da Identidade¹⁴.

Spinoza, apesar de crítico das ideias de Descartes, concordava com Platão, afirmando que consistimos de alma e corp. Para Spinoza, a alma humana não poderia ser inteiramente destruída com o corpo, pois “*ela possui algo de eterno*”⁸⁸.

O equívoco de Platão e Descartes foi não considerar que, se duas substâncias existem *completamente* apartadas, elas não podem ter uma relação *causal*: eventos físicos podem produzir apenas eventos físicos, e causas intangíveis podem produzir apenas efeitos intangíveis. Assim como ocorreu com Platão, o dualismo mente-corpo de Descartes sofria desta estupefação especulativa, uma incongruência descrita como o Fenômeno do Fantasma na Máquina¹⁵.

Para John Locke, a Consciência e a Memória guardavam as chaves para a Identidade Pessoal¹⁶. O agnosticismo dissimulado de Locke resolveu parcialmente o problema do Fantasma na Máquina de Descartes, mas ao preço de duas inconveniências:

Primeiro: desdobrando o raciocínio expresso por Locke, se você não tem consciência, então não tem Identidade Pessoal. Ou seja: uma pessoa portadora de déficit cognitivo, dormindo ou em estado de coma, não teria mais uma Identidade. Isso é absurdo!

Segundo: de acordo com o sugerido por Locke, quando sua memória falha ao tentar se recordar de um evento, isso significa que quem presenciou o ocorrido foi outra pessoa e não você – o que também é absurdo.

Se Consciência e Memória definem sua Identidade Pessoal, alguém acometido de uma amnésia clinicamente comprovada deveria ser considerado duas pessoas completamente diferentes – uma antes e outra depois do distúrbio?

Uma vez que memórias falsas ou fabricadas podem ser implantadas em até 40% das pessoas^{30,31}, poderíamos considerar que elas tinham uma determinada Identidade Pessoal *antes* e outra diferente *após* o implante?

Considerar a consciência e a memória as únicas fiadoras da Identidade Pessoal é exigir uma credulidade tão grande quanto apelar para a alma com a mesma intenção. Não obstante, para Locke, somos as mesmas pessoas de sempre no sentido de que temos consciência tanto das ações e dos pensamentos localizados no passado e projetados no futuro quanto daqueles do presente.

A Identidade Pessoal de Locke, divorciada da materialidade do cérebro, seria uma percepção metafísica que acompanha nossa substância e que dá unidade ao indivíduo – no final, uma proposta não muito diversa daquela de Descartes e Platão.

Para David Hume, a ideia de uma Identidade Pessoal não passava de ficção: quando mergulhamos “dentro de nós mesmos”, tudo que captamos são percepções de estímulos externos ou suas lembranças. Hume, assim como Buda, defendia que a mente não é naturalmente soberana de si, mas funciona como uma república subordinada às alíquotas de suas várias paixões e medos. Quando acorda e recobra a consciência, a mente dá à confusão que encontrou o nome de Identidade Pessoal³².

Kant concordava com Descartes, Locke e Hume no sentido de que a Consciência era a chave para a Identidade, e de que a consciência prescindia de qualquer participação do corpo³³. Todavia, ele discordava de Descartes e assentia com Hume quanto ao fato de que, uma vez que existência da alma imaterial não poderia ser comprovada – exceto pela morte –, a alma não poderia ser invocada para legitimar a Identidade Pessoal³⁴.

O equívoco primário nos raciocínios destes pensadores está na sugestão de que pessoas não-despertadas ou sem consciência de si – ou que afirmassem tal coisa – estariam destituídas de Identidade Pessoal e portanto isentas de seus deveres Deontológicos, não podendo mais, por exemplo, ser julgadas pelos crimes que cometeram. Exatamente esta é a base das alegações de insanidade mental que proliferam como teses de defesa nos tribunais, nem sempre inspiradas em grande honestidade.

Não considero que a Identidade pessoal seja uma “condição metafísica” ou uma “confusão de alíquotas”, mas um resultado bem claro da soma de nossas interpretações particulares do ambiente ao redor – uma sofisticada operação matemática que traz embutida as vontades do Id, a biblioteca Moral do Superego e a perícia negociadora do Ego. Neste sentido estrito, a descrição de uma “república subordinada” elaborada por Hume torna-se, em certo grau, coerente.

Conforme Locke sugeriu, a Identidade Pessoal de fato não depende do corpo como um todo (que mudará profundamente da infância até a velhice, se você tiver a sorte de chegar até lá); porém tampouco subordina-se tanto às pessoas à sua volta, ou às características associadas às suas atribuições, ou à sua posição na comunidade, como defendem os Relativistas.

A Identidade Pessoal dependerá, mais fundamentalmente, do *pool* genético recebido no momento da anfigmíxia e do *status* funcional do seu cérebro no decorrer dos anos; e poderá ser alterada caso você desenvolva esquizofrenia, amnésia, Alzheimer, doença de Pick, Demência de Corpos de Lewy, Síndrome de Kluver-Bucy, sofra um infarto cerebral ou trauma craniano grave, ou seja vítima de distúrbios neurológicos e metabólicos que afetem o acionamento de seus neurônios³⁵⁻⁷.

Apesar do caráter modificável da Identidade, isso não significa que seja Moralmente legítimo tentar safar-se das consequências de seus atos invocando arrependimento ou inconsciência temporária. Id, Ego e Superego podem ser construções abstratas para sua consciência, mas o mundo, suas escolhas e seus genes são reais.

3. OS GENES E A FÁBULA DA IDENTIDADE PERMANENTE

A carga genética pré-codificou sua Identidade Pessoal para pensar e interagir com o mundo de uma ou de outra forma: você pode pertencer a uma genealogia que uiva como Lobos na floresta ou se deita no sofá como um Lulu da Pomerânia. E esta informação está escrita em seu DNA.

Por exemplo: estudos com gêmeos idênticos que mostram que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) apresenta uma ampla concordância hereditária. Apesar da prevalência de TDAH entre adultos ser de 1-5%, entre gêmeos monozigóticos ela atinge 60-90%: se um dos gêmeos sofre de TDAH, a possibilidade do outro também manifestar sintomas típicos do transtorno é doze vezes maior que na população em geral – mesmo quando este gêmeo é criado distante de seu parceiro uterino^{17,18}.

O alcoolismo, uma doença complexa e dependente de diversos fatores socioculturais, é, no mínimo, 50% hereditário¹⁹. No caso de dependências químicas não-alcoólicas, o fator genético responde por pelo menos 20% da tendência²⁰.

Uma predisposição genética também já foi identificada para o Transtorno Bipolar, a Depressão grave, surtos psicóticos e insônia crônica²¹⁻²⁴.

Até mesmo a escolha por uma carreira acadêmica possui uma influência de 44-80% dos seus genes²⁵.

Assim, quando falamos de Identidades Pessoais mais resilientes ou mais resistentes à dor, ou mais dispostas a assumir riscos, ou mais vulneráveis aos efeitos do estresse, não estamos nos referindo apenas ao caráter intrínseco que foi desenvolvido

pela exposição aos contextos socioculturais, ou ao “espírito imaterial” que habita sua carne, mas (especialmente) de sua programação genética para tanto²⁶⁻²⁹.

Sem soar determinista, reducionista ou monista, você não pode escapar do fato de que seus genes e o estado de funcionamento do seu cérebro prescrevem seu padrão de consciência e, por conseguinte, o modo como você incorpora suas emoções, elabora metanarrativas do Mundo ao seu próprio modo e desenha sua Identidade Pessoal. Boa parte do que você chama de “eu mesmo” nasceu desta coletânea de bases nucleotídeas e encontra-se permanentemente submetido às variações nas marés de neurotransmissores no seu corpo.

Além dessas bagagens, as propriedades da Identidade Pessoal mudam com o tempo, seja pelo acúmulo de memórias, seja por modificações na saúde cerebral ou no contexto social, cultural e econômico: não há algo como uma “natureza humana” incorruptível, mas uma mera ideia desta natureza que se altera reiteradamente. Você é uma pessoa até o dia em que morrer, mas será pessoas diferentes até lá.

Uma vez que a Identidade Pessoal não é um espírito de outra dimensão guardado a sete chaves, mas um campo aberto à influência de elementos internos e externos, ela é incessantemente moldada por uma infinidade de substâncias orgânicas e sociais muitas vezes ocultas da mente consciente.

Tendemos a nos comportar de modo diferente de acordo com a situação: nem sempre somos os mesmos, e menos ainda somos os mesmos o tempo todo ou apresentamos as mesmas respostas ou oferecemos os mesmos julgamentos Morais todas as vezes. Nossas necessidades e prazeres modificam-se com os dias e não há vícios que não nos ameacem dominar⁵².

A despeito dos avanços da neurociência e da genética, a ideia de que possuímos uma Identidade Pessoal *Permanente* – uma “personalidade imperecível” dotada da faculdade sobrenatural de peregrinar imaculada ao longo dos anos de sua existência neste planeta e mais além – insiste em não nos abandonar, representando um dos mais notáveis exemplos de credulidade em nossa espécie: classicamente chamada de alma pelos teólogos, e atualmente denominada *Self* pelos especialistas, a Identidade

Pessoal Permanente é uma profissão de fé com a qual procuramos preservar a esperança da imortalidade para a Identidade que construímos e à qual tanto nos afeiçoamos³⁸.

Está mais do que demonstrado que nossa existência psico-física individual é um fluxo dinâmico compreendido entre o crescimento e a decrepitude do corpo, das percepções mentais e das memórias. Dentro das noções atuais de psicologia, a coerência deste fluxo pode ser explicada pela Teoria da Continuidade Pessoal, definida como uma conexão ininterrupta entre a vida particular de uma pessoa e sua Identidade ao longo do tempo³⁹.

A Continuidade assegura que qualidades mentais como a sciência e a capacidade de perceber nossas relações com o meio sejam consistentes entre um momento e o seguinte, mas isto está longe de configurar uma Identidade Pessoal Permanente ou confirmar a presença de um espírito dentro do seu corpo. A mente ocorre no cérebro e gera o fenômeno natural da Identidade Pessoal, tornando o conceito de alma irrelevante³⁸. Não que a neurociência tenha comprovado a inexistência da alma, mas o fato é que o cérebro físico é capaz de fundamentar a mente e a Identidade por si só, sem a necessidade de um *Self* espiritual ou recursos místicos adicionais⁸⁴.

A convicção na Identidade Pessoal Permanente não passa de um conceito desenvolvido e gravado na sua mente durante seu processo de domesticação Moralizante, uma tradição que foi oferecida a você com grande amabilidade e diligência – e você a comprou sem pensar duas vezes. Agora, apegue-se com todas as forças emocionais possíveis a este investimento.

O modo como construímos esta ficção foi magistralmente descrito por Sartre, que colocou o Ego não na mente, mas no mundo⁴⁰. Para Sartre, o Ego – entendido como Ego *per se*, mente, consciência, Identidade, *Self* e tudo mais – era uma impressão que o mundo deixava em nós e não o contrário. Eu não iria tão longe, e prefiro a fineza da concepção Freudiana: o Ego é a parte maravilhosamente ajustável (e jamais “permanente”) de nossa Identidade Pessoal que barganha com o mundo as reivindicações incansáveis do Id. Simples assim. Quando o mundo negocia de volta, as informações de seus termos não são

armazenadas no “negociador” em sua cabeça (o Ego), mas em sua “biblioteca Moral particular” (o Superego).

Não nascemos como folhas em branco – a “Tábula Rasa” postulada por Locke. Tampouco somos conduzidos por um Fantasma na Máquina, como proposto por Descartes. O Fantasma da Máquina cartesiana não passa disso – de um fantasma –, e a consciência e a memória lockeanas não bastam para sintetizar a plenitude da Identidade Pessoal⁴¹.

Mas a coisa toda não é tão complicada como parece: se barbarmos um pouco o misticismo com a Navalha de Occam será fácil perceber que (1) chegamos a este mundo carregando um esboço genético para a Moralidade com profundas heranças evolucionárias⁴²; (2) esta programação será executada pelo *hardware* cerebral e pelo triunvirato Id, Ego e Superego, atuando de modo unificado sob um sistema operacional denominado Identidade Pessoal; e (3) caberá à Identidade Pessoal aferir a realidade e as circunstâncias para moldar a Moralidade inata, adicionando parágrafos e editando artigos, adequando-a aos dilemas da existência.

Um algoritmo harmonioso, simples e eficaz.

4. A ALMA, A IDENTIDADE E O CÉREBRO

A despeito da cara feia dos teístas, a ciência continua tentando determinar em que parte do cérebro a Identidade Pessoal se esconde. Para decepção de Descartes, já excluímos a glândula pineal. Até aqui, o Córtex Pré-Frontal lidera as apostas, mas a corrida está longe de terminar⁶⁹.

Não obstante, ao sediar anatomicamente a Identidade Pessoal no cérebro, a ciência introduziu alguns dilemas interessantes:

Como nos demais mamíferos, o cérebro humano divide-se em dois hemisférios – esquerdo e direito –, unidos principalmente por uma estrutura chamada Corpo Caloso.

Ao longo da vida, 3% das pessoas serão afetadas por um transtorno onde um foco de neurônios “decide” disparar descargas anômalas que atravessam as centenas de milhões de

projeções axônicas do corpo caloso, atingindo os hemisférios cerebrais como uma tempestade elétrica. Estas tempestades generalizadas manifestam-se como crises convulsivas e são conhecidas como Epilepsia⁷⁰.

Cerca de 30% dos portadores de Epilepsia sofrem com convulsões severas que não respondem a qualquer tratamento medicamentoso, levando uma vida miserável. Assim, na década de 1940, neurocirurgiões americanos elaboraram uma alternativa para resolver este martírio: um procedimento cirúrgico paliativo denominado Calosotomia. Na Calosotomia, o corpo caloso é parcial ou totalmente seccionado, diminuindo ou eliminando o tráfego de impulsos cerebrais por esta via. Quando bem indicada e realizada de maneira precisa, a operação obtém um bom índice de sucesso no controle das convulsões⁷⁰⁻⁷³.

Mas... se a Identidade Pessoal depende do funcionamento do cérebro, e o cérebro possui “duas partes”, quando separamos estas partes, a Identidade se parte? Será que um cérebro dividido ao meio divide também a Identidade ao meio, ocasionando um corpo habitado por uma mente com duas Identidades diferentes?

Alguns pacientes submetidos à Calosotomia desenvolvem transtornos na fala, na visão, na orientação espaço-temporal, na memória de curto prazo e na coordenação motora. Em um caso, uma paciente relatou que suas mãos pareciam discordar e competir entre si, tornando atividades tão banais quanto comer um sanduíche uma dança angustiante⁷⁴.

Sem embargo, exceto pela paralisia do lado do corpo oposto ao hemisfério retirado em adultos, na maioria das vezes os demais desarranjos desaparecem com o tempo. Graças à neuroplasticidade, o comprometimento motor controlateral é bem reduzido ou nulo em pacientes entre zero e 17 anos de idade – na verdade, algumas crianças com hemiplegia relacionada à epilepsia apresentam recuperação dos movimentos após a cirurgia. Com o controle das convulsões e o restabelecimento da auto-confiança, a maioria das pessoas operadas mostra progressos no comportamento e na sociabilidade^{85,86}.

Quanto à Identidade Pessoal, dentro dos termos da Teoria da Continuidade Pessoal, nenhuma fragmentação foi relatada até aqui nas pessoas submetidas à Calosotomia^{75,76}. Seria uma

Mágica? Ou uma prova inconstetável da existência da alma? Não exatamente. A manutenção da unidade da Identidade Pessoal nestes casos é explicada por dois fatores:

Primeiro: o corpo caloso certamente é a autoestrada inter-hemisférica mais movimentada, mas não é a única. Muitos outros feixes de neurônios cruzam de um lado para o outro nas comissuras anterior, hipocampal, habenular, posterior e supra-óptica. Portanto, quando o corpo caloso é seccionado, o cérebro não é exatamente “dividido ao meio”.

Segundo: apesar de algumas funções específicas serem privilégio de um ou outro hemisfério, tudo indica que as operações cerebrais funcionem em um esquema de mutirão. Por meio da neuroplasticidade, os comandos podem ser processados acionando-se qualquer área capaz de atender às necessidades do momento⁷⁷.

A função do corpo caloso não é consubstanciar a consciência entre os hemisférios, mas duplicá-la: a Identidade Pessoal não existe de um ou outro lado, mas em ambos os lados do cérebro, simultaneamente⁷⁸. A história de “essa função ocorre do lado esquerdo; aquela função, do lado direito” é uma alegoria popular sobre a especialização cerebral, mas 99% desta concepção lendária não vai muito além disso – de uma lenda.

A secção do corpo caloso não redonda em duas Identidades Pessoais, mas em uma consciência unitária que passa a perceber o mundo utilizando vias de informação mal-integradas: mesmo removendo-se um hemisfério cerebral inteiro, alguns maneirismos podem mudar, mas a Identidade Pessoal, biologicamente sedimentada no hemisfério remanescente, mantém sua singularidade e não se desintegra⁷⁹⁻⁸³.

Contudo, aqui surge outra interrogação: se fosse possível pegar o hemisfério cerebral retirado de uma pessoa e transplantá-lo em um Receptor de corpo inteiro (por exemplo: alguém que sofreu morte cerebral, mas, fora isso, apresenta um corpo em boas condições de funcionamento), teríamos dois corpos com a mesma a Identidade Pessoal?

Para os partidários do discernimento científico, a resposta é simples: em um primeiro momento, antes que o paciente Receptor realizasse qualquer *input* de informação, Receptor e

Doador compartilhariam uma mesma e exata Identidade Pessoal, mas, tão logo começassem as interações com o ambiente, essas Identidades iniciariam seu processo de divergência.

As experiências jamais são absolutamente idênticas para duas pessoas: ainda que se sentem bem próximas na hora do almoço, cada uma percebe o ambiente a partir de sua própria cadeira. Basta ver o que ocorre com gêmeos univitelinos: até onde os genes demandam, eles se parecem. A partir das fronteiras onde o mundo os influencia, eles destoam progressivamente, desenvolvendo suas próprias Identidades a despeito de serem 100% equivalentes em termos genéticos. Em nível anátomo-fisiológico, continuarão gêmeos; em nível sócio-econômico-cultural, formarão Identidades específicas.

Um fenômeno análogo sucederia com nossos pacientes Doador e Receptor: eles começariam como Identidades iguais, mas logo se tornariam Identidades ímpares, ainda que fundadas a partir de uma mesma base orgânica cerebral.

Todavia, para os adeptos da Identidade Pessoal Permanente – que acreditam que uma alma ou um *Self* místico que ultrapassa a matéria é essencial para o funcionamento do corpo –, a situação se torna um pouco mais complicada...

Após o procedimento, o corpo do Receptor, que teve seu cérebro completamente retirado e substituído pela metade do cérebro do Doador, recupera a consciência. Ele acorda, abre os olhos, levanta-se e conversa – mas como isso seria possível, uma vez que a “alma” havia abandonado aquele corpo?

Ou será que a “parte imaterial do Ser” *ainda* habitava o corpo do Receptor mesmo quando seu cérebro foi removido, tendo sido reativada no instante que o meio-cérebro do Doador foi plugado ao sistema? Neste caso, um corpo decapitado ainda possui uma alma? E se a alma permanece no corpo, até que ponto podemos ir desmembrando-o até que a alma o abandone de vez?

É óbvio afirmar que um corpo sem cérebro não pode ter atividade cerebral, e, até onde vai o entendimento médico e legal, a *ausência de atividade cerebral* significa “morte”. Se “morte” também equivale à separação da alma do corpo, a partir do momento em que o cérebro do Receptor foi extraído, seu corpo passou a ser um envelope sem Identidade, uma embalagem vazia,

sem *Self* e sem alma. Com o transplante, o “espírito vital” que agora o anima veio na bagagem do meio-cérebro do Doador? Neste caso, a transferência foi de 100% da alma do Doador, 50%, 30%, 10%?

Em um exercício de contemporização, vamos aceitar a suposição de Platão de que a “alma imortal” não reside exatamente no cérebro, mas apenas utiliza um corpo viável para se manifestar neste mundo.

Considerando que a Identidade Pessoal está sempre mudando de desejos, métodos e valores, sofrendo progressos e decrepitudes Morais ao longo da vida, quais partes desta construção deveriam ser mantidas para que a Identidade do espírito original do paciente Receptor corresponda a alguém que ele reconheça como a pessoa que se tornou antes de partir para o além-túmulo?

Finalmente, ao ver o paciente Doador e o paciente Receptor disparando um para cada lado, como reagiria um devoto do sobrenatural se recebesse a ordem:

- Pegue aquele que tem a alma inteira!
Atrás de quem ele diria?

5. O SELF E A CRISE DO EGO

Ainda que a Identidade Pessoal inclua uma imensa lista de auto-interesses (Id) e recomendações para adaptar-se às exigências do mundo (Superego), sofremos dessa compulsão pirracenta para identificar a Identidade como apenas a parte mais visível da unidade “trinitária” Freudiana: o Ego. Mas isto é um equívoco.

Como descrito, a Identidade Pessoal resulta da ação conjunta de todas as três estruturas, e não de apenas uma ou duas – isso para não contabilizar as interferências dos genes e do *status* cerebral. Não obstante, a crise Moral da Pós-Modernidade insiste em colocar o fardo inteiro da Identidade Pessoal sobre os ombros do Ego, chicoteando-o como punição pela devassidão do Id ou pela violação dos julgamentos do Superego.

Em muitas culturas e na maioria das religiões, o Ego passou a ser considerado a causa primordial de toda a miséria e de todo o sofrimento humano, sendo desvinculado do *Self* – que, ao receber as prerrogativas diplomáticas da fé, assumiu o posto de digno representante da essência divina que habita em nós.

O *Self* costuma ser definido como a percepção subjetiva total de si mesmo, incluindo as imagens e as impressões da cognição, do humor, do temperamento, dos hábitos, dos desejos, sentimentos, crenças, orientações, capacidades, e daí em diante^{64,65}.

Alguns pensadores afirmam que o conceito de Identidade Pessoal lida apenas com parte da natureza do *Self*, mas não abarca a totalidade das experiências que conduzem aos nossos comportamentos⁶⁶. Vejo isso como uma complicação fútil, adicionando mais “pessoas” onde já existem suficientes: o modelo trinitário de Freud e seu subproduto, a Identidade Pessoal, bastam para explicar como elaboramos nossa personalidade e o retrato que construímos de nós mesmos.

A justificativa mais sincera para a adição de um quinto elemento à Identidade parece ser o desejo de idealizar algo mais alinhado à ganância por uma Identidade Permanente capaz de sobreviver ao desaparecimento do corpo.

Neste caso, o *Self* presta-se bem ao papel e tende a ser adotado com alívio e sem cerimônias: admitir um *Self* abstrato que ultrapassa a materialidade da Identidade Pessoal é um alívio para aqueles que aspiram ao Paraíso acima dos animais substancialmente finitos que somos⁶⁷, recuperando a alma que havia sido exorcizada pelo Naturalismo, pelo Humanismo e pelo Darwinismo. Mas, para ser sincero, a adoção do *Self* mais complica que ajuda a situação da Identidade Pessoal.

Quando reconhecemos a legitimidade da Evolução por Seleção Natural, somos obrigados a conjecturar também que a alma do *Homo sapiens* evoluiu passo a passo a partir da alma do *Homo erectus*: o primeiro bebê *Homo sapiens* a possuir uma alma era muito semelhante a seu pai e sua mãe, exceto pelo fato de ter uma alma – algo que os pais não possuíam⁵¹. Então, se a Evolução está correta e se abrigamos uma alma, exatamente de que maneira esta transição ocorreu?

Uma saída mais sensata para este paradoxo seria simplesmente admitir que o *Self* e a alma são âncoras motivacionais fictícias cujo objetivo é atenuar a severidade da Natureza, dando aos dissabores um propósito mais brando que a dureza do mundo⁶².

Na espiritualidade de atenções plenas do Relativismo Moral, a mania de dizer que o Ego é o grande inimigo a ser combatido transpassou as diretrizes religiosas e os dogmas do Estado, alcançando uma popularidade excepcional. Incontáveis autores e palestrantes catequizam, dia após dia, que o Ego é o “culpado” por nossas desilusões, pela tristeza, pela infelicidade, pela ansiedade e pela depressão. Mas nada poderia estar mais distante da realidade: um Ego saudável é capaz de manipular de modo mais eficaz as intimidações do Id e do Superego. Por outro lado, um Ego frágil sucumbe facilmente ao primeiro sinal de adversidade⁴³⁻⁴⁷.

Os espiritualistas do *Self* se esquivam de aquiescer que um sujeito com um Id superdominante se torna impulsivo, incontrolável e, com uma frequência alarmante, criminoso. Ele age movido por urgências instintivas e nunca irá se condoer caso suas atitudes sejam inapropriadas, inaceitáveis ou ilegais. Aprisionado nas garras dos desejos intermináveis, o sujeito com o Id hipertrofiado enxerga o mundo de dentro dos limites de suas infantilidades imediatas.

De modo análogo, um sujeito com um Superego dominante é absolutamente incapaz de aceitar qualquer pessoa ou proposição que julgue ruim ou imoral. Aprisionado nas garras dos julgamentos perpétuos, o sujeito com o Superego hipertrofiado enxerga o mundo de dentro dos limites de sua Moralidade engessada.

Não obstante, um Ego excessivamente dominante também pode resultar em problemas: o Ego hipertrofiado torna o sujeito tão ligado à realidade, às regras e à adequação, que ele perde toda sua espontaneidade. Aprisionado nas garras dos propósitos viáveis, ele enxerga o mundo apenas dentro dos limites de seus jogos de estratégia. Por fora parece alguém sólido, firme e confiável, mas oculta dentro de si uma Identidade incapaz de aceitar mudanças ou lidar com seus próprios apetites.

A solução para o convívio harmônico da *unidade trinitária* não parece estar em esconder o Id, divinizar o Superego ou culpar o Ego, mas em buscar um equilíbrio sensato entre estas três entidades e sua Identidade Pessoal.

Freud dizia que possuímos apenas dois motores que nos impulsionam pela vida: sexo e agressão. Tudo que fazemos possui o tique-taque intrínseco dessas duas maquininhas teimosas.

O Sexo, também chamado de Eros ou Força Vital, representa o ímpeto em viver e conceber descendentes.

A Agressão – o Tânatos ou Força Letal –, representa a necessidade de manter-se longe das ameaças à sua existência nesse mundo.

Todavia, Id e Superego – ou Eros e Tânatos – não detêm o comando derradeiro de seu destino. No final das contas, cabe à completude da Identidade Pessoal determinar o rumo de sua vontade, enquanto você emprega os recursos que possui para se defender das demandas conflitantes do subconsciente.

Por isso, o dualismo “Ego versus *Self*” é um construto fantasioso e uma ferramenta inválida para compreender a realidade de sua Identidade – e ainda pior para entender o que é Personalidade.

A Personalidade – a “máscara” ou *persona* – é a interface para uso em campo que a Identidade Pessoal elaborou para otimizar os trabalhos. Basicamente, é a porção de sua Identidade que você aceita (ou faz questão de) apresentar ao mundo enquanto o Ego redige os contratos. Por conseguinte, ela também não tem coisa alguma de permanente, sendo continuamente modificada pela influência de seus genes, da saúde de seu cérebro, daquilo que você percebe e pelo contexto em que vive.

O Ego não é intrinsecamente *mau*: é apenas um conceito funcional que utilizamos para batizar o esforço que o cérebro desenvolve para tentar preservar a Identidade Pessoal. Ele não é seu adversário; não foi burilado por centenas de milhares de anos de evolução para ser uma pedra no seu sapato⁴⁸.

Não obstante, a desvalorização agressiva da serventia do Ego e a correspondente glorificação do *Self* não surpreendem: estimular a atividade negociadora dos indivíduos é abrir a caixa de Pandora para um sem número de inquéritos e chances de

motim. O melhor a fazer é condenar de antemão o intermediário criativo e audacioso, porém “desagradável”, e enobrecer a retidão Moral do componente mais fantasioso e manipulável da Identidade. Isso, sim, garante subserviência no longo prazo.

Paradoxalmente, o *Self* – o imaginário espírito dócil pelo qual você está autorizado a dedurar sua mãe para ser queimada na fogueira ou entregar sua própria vida em sacrifício para salvá-lo – é considerado pelas mesmas culturas, religiões, padres, pastores, gurus e líderes políticos como um primor de abnegação, humildade e benevolência.

Se fôssemos realmente sábios, deveríamos ter desconfiado da inversão de personagens desde o princípio.

6. DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

Após todo o trabalho genético, cerebral e psicológico para esculpirmos uma Identidade Pessoal, até os descrentes no *Self* metafísico foram convencidos de que deveriam elevar a Identidade à categoria de divindade – afinal, “*sem o indivíduo, o povo não passa de um mito; a sociedade, de uma abstração; e o Estado, de um monstro*”⁴⁹.

O apogeu deste delírio foi a supervalorização da Identidade Pessoal em um arquétipo potencialmente tóxico: o Individualismo. Provavelmente, o Individualismo sempre existiu, mas nunca desfrutou tamanha ênfase ou liberdade de expressão.

O termo foi utilizado pela primeira vez por Alexis de Tocqueville no século XIX, sendo um conceito relativamente novo e um tanto mais restrito à cultura Ocidental. Dada sua afinidade com o Relativismo Intuicionista da Pós-Modernidade, a Identidade Pessoal corrompida em Individualismo tornou-se um dos componentes mais importantes da crise Moral que vivemos.

O Individualismo consiste na convicção de que a necessidade de cada pessoa é mais relevante que a necessidade de toda uma sociedade ou grupo. Nesta nova seita, o *eu* assumiu um papel mais importante que o *nós*, e esta mudança passou a influenciar sobremaneira o modo como nos comportamos, nossos

relacionamentos interpessoais, nossas escolhas, os produtos que compramos e os temas sociais que consideramos importantes.

Esnobe como um adolescente entupido de hormônios, o Individualismo rompeu com as tradições e propôs ser uma lei autogênica: usurpado o trono até então reservado aos deuses, o indivíduo humano tornou-se a medida definitiva de todas as coisas, o árbitro supremo, o criador e o senhor explícito de si.

Curiosamente, a expressão “senhor de si” é risível e incongruente: quem é senhor de si será também, *mutatis mutandis*, um escravo de si. Mas isso não interessa muito: os Individualistas são aqueles “*grandemente apaixonados por si mesmos e admiradores verdadeiros de sua própria felicidade*”⁵³. Sua mente é seu próprio país e a única realidade válida do mundo é o indivíduo. É a ele que tudo se refere. Família, pais, amigos, trabalho, Moral, Estado e humanidade são apenas meios para assegurar a finalidade de sua livre satisfação. Como consequência, este transtorno comportamental, que santifica a violência e a transforma em direito, produziu demonstrações surreais de egocentrismo como a estudante holandesa Jennifer Hoes, que casou-se consigo aos 30 anos de idade prometendo amar, respeitar, honrar e obedecer apenas a si mesma^{54-56,68}.

O canto sedutor da sereia do Individualismo anuncia: “tenha em mente as suas vantagens, aja de acordo com o que for melhor para si, pois assim você também estará agindo para o maior proveito de todos os outros”. Neste jogo Relativista de cada um por si, todos sofrem, e a dissonância entre o prometido e o obtido pela doutrina Individualista é uma das principais fontes de perplexidade e ansiedade do humano moderno⁵⁷.

O culto ao Individualismo formou levas de pessoas individualmente iguais, imitadoras de ecos da Identidade Pessoal uniformizada. Bem inseridas no vazio da Pós-Modernidade, sua existência consiste em reproduzir a aparência daquilo que lhes emociona. Não raciocinam, não metabolizam o Mundo em significados construtivos: apenas refletem ao modo de espelhos as narrativas que lhes chegam aos olhos. E de reflexo em reflexo vão construindo uma vida de superfícies com mínimo conteúdo.

Ao fechar as pessoas em si mesmas, o Individualismo fez duas vítimas imediatas: a *Verdade substantiva* e a possibilidade

de qualquer Realismo Moral. Como um *ponto de vista* passou a valer por uma *Verdade*, e “o que é bom para mim” substituiu a noção dogmática de *Bom e Correto*, o Individualista tornou-se um efêmero que vive apenas no presente: seus fins são imediatos e sua visão mal se estende além dos pequenos mundos em que vive. Separados de tudo mais, os Individualistas seguem, alegres e motivados, rumo ao pessimismo e à anedonia.

Quando os fatos Morais se tornam interpretações individuais da realidade e passamos a acreditar na autossuficiência plena do Individualismo, tendemos a ignorar as poderosas heranças Paleolíticas que carregamos impressas nos núcleos de nossas células.

Considerando novamente a ação da Terceira Lei de Newton no contexto da crise Moral da Identidade Pessoal, seria de se esperar que o movimento Individualista produzisse algum tipo de reação contrária – mais ou menos nos mesmos moldes dos pequenos brotos de conservadorismo que vêm surgindo nos campos Relativistas. Pois a reação à adoração patológica da Identidade Pessoal existe e atende pelo nome de *Coletivismo*.

Em contraste ao Individualismo, o Coletivismo coloca ênfase maior no grupo antes do indivíduo. Atualmente, grandes fatias do Oriente e boa parte da América Latina podem ser consideradas sociedades Coletivistas⁵⁸.

Enquanto que em uma cultura Individualista as pessoas são consideradas boas quando são fortes, autoconfiantes, assertivas e independentes – e cada pessoa é vista como um fim soberano *per se* que não deve ser utilizado como meio ou fim por terceiros –, no Coletivismo uma vida humana é apenas mais uma peça em uma grande engrenagem chamada Sociedade ou Estado. O indivíduo deve sacrificar suas certezas e objetivos particulares em nome do grupo, pois é o *grupo* – e não o *indivíduo* – que representa a unidade Moral básica que deve ser levada em conta: o valor está no autossacrifício e na interdependência.

O Coletivismo é, essencialmente, Consequencialista e Utilitário, ao mesmo tempo em que é paternalista e coercivo.

No Coletivismo, a Identidade Pessoal torna-se um construto social onde a “consciência coletiva” de Durkheim ou a “consciência de massa” de Marx ditam o ritmo dos conceitos

válidos, desafiando e rompendo com as concepções tradicionais de dever, trabalho, propósito, esforço, valor e mérito.

Por exemplo: à luz de sua natureza Relativista Pós-Moderna, os Coletivistas afirmam que a dicotomização dos humanos segundo o gênero – homens e mulheres – não consiste na observação de um *fato* da Natureza, mas uma *intimidação discricionária* que aprisiona os humanos em ações e expectativas prescritivas. Do mesmo modo, as identidades nacionais também não passam de “construtos sócio-cognitivos”, segundo eles.

O risco da abordagem desconstrucionista do Coletivismo está naquilo mesmo que ela diz opor-se: a homogeneização da sociedade em uma legião de dessemelhantes⁶³. “Se não somos iguais por índole, seremos iguais por exigência ideológica”, anunciam seus militantes.

O hino Moral do Coletivismo – “o maior bem possível para o maior número possível de pessoas” – soa humilde e democrático até percebermos que esta bandeira pode ser e foi utilizada para justificar atrocidades inomináveis cometidas por diversos regimes políticos, pois que aqueles que se dizem mais cheios de *humildade* são geralmente os mais cheios de ambição e inveja⁸⁸.

Se o Individualismo apresenta como risco social um capitalismo agressivo e canibal, o Coletivismo nos ameaça com dois extremos: a tirania opressora do Consequencialismo de um lado e uma Cultura Vitimista do outro. Nossa linguagem oferece um bom exemplo de como esta contemporização se manifesta nos indivíduos assaltados pelo Coletivismo Pós-Moderno.

Por exemplo: se um brasileiro está andando a caminho da escola e um livro cai de sua mochila, ele diz “O livro caiu da mochila”, e alguém de língua hispânica diria “*Se me cayóel libro*”.

Ou seja: é quase como se o livro, dotado de vontade própria, tivesse se jogado voluntariamente da bolsa.

Em inglês, o evento seria descrito como “*I dropped my book*” (EU deixei cair o livro, ou EU derrubei o livro).

Uma frase como “*the book fell*” (o livro caiu) seria utilizada somente e unicamente se a pessoa não fosse responsável por manter em segurança a posse daquele objeto⁵⁸.

A etimologia oferece um vislumbre impressionante do contraste cultural entre o Coletivismo Latino e o Individualismo

Objetivista Anglo-Saxão: em inglês, a culpa de o livro ter caído é sua. Em português e espanhol, você está perdoado: o livro “se jogou” no chão, e a culpa é transferida para a mochila, para o livro, para a força da gravidade ou alguma outra diligência misteriosa da fortuna.

Nos regimes Coletivistas, a visão permanente de uma autoridade externa leva à busca por causas também externas para todos os eventos, retirando do indivíduo a responsabilidade pelos produtos de seus atos. Por isso, para um Coletivista, o livro sempre “cai” da mochila.

Com grande antecedência, Spinoza descreveu bem a lógica por trás das ideologias Coletivistas, dizendo que *“os humanos sabem que podem mais facilmente obter por um socorro mútuo aquilo de que têm necessidade, que não podem evitar os perigos que os ameaçam de toda a parte, senão por todas as suas forças reunidas”*⁸⁸.

Não obstante, Coletivismo e Individualismo moraram desde sempre em nossos genes, e a expressão de um ou de outro varia conforme a configuração da ecologia humana: se as recompensas sociais (reconhecimento, valorização, promoção, glória) forem maiores para manifestações coletivistas, permitimos com grande alegria a predominância deste traço, ainda que ele cobre um preço caro da pouca liberdade que usufruímos.

Por outro lado, se a sociedade decidir premiar o Individualismo – que, evolutivamente, é menos natural que o Coletivismo –, veremos aflorar a criatividade e o mérito associados a um subjetivismo falsamente tolerante, como este que vem brotando nas últimas décadas.

O grande drama humano consiste em adorarmos o Individualismo, mas estarmos condenados a uma existência Coletivista.

Cientes do poder que a Identidade Pessoal tem sobre nós, as ideologias políticas e religiosas sempre apelaram e se alimentaram dos extremos do Individualismo e do Coletivismo.

No centro deste debate jaz uma das perguntas mais fundamentais da atual crise Moral: sua Identidade Pessoal pertence a você ou deve ser um instrumento a serviço da comunidade?

Esta resposta, talvez a mais importante na jornada de nossa espécie, reside em um meio termo que não fomos capazes de definir com honestidade até o momento.

Referências:

1. **David Armstrong.** *A Materialist Theory of Mind.* Routledge (1993).
2. **Platão.** *Fédon – diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates.* Martin Claret (2010).
3. **García PG et al.** Personality changes in braininjury. *J Neuropsychiatry Clin Neurosci.* 2011 Spring; 23(2): E14.
4. **Wilde EA et al.** Personality Change due to Traumatic Brain Injury in Children and Adolescents: Neurocognitive Correlates. *J Neuropsychiatry Clin Neurosci.* 2015 Fall; 27(4): 272–279.
5. **Max JE et al.** Predictors of personality change due to traumatic brain injury in children and adolescents six to twenty-four months after injury. *J Neuropsychiatry Clin Neurosci.* 2006 Winter; 18(1):21-32.
6. **Jenkins LM, Drummond KJ, Andrewes DG.** Emotional and personality changes following brain tumour resection. *J Clin Neurosci.* 2016 Jul; 29:128-32.
7. **Madhusoodanan S, Ting MB, Farah T, Ugur U.** Psychiatric aspects of brain tumors: A review. *World J Psychiatry.* 2015 Sep; 5(3):273-85.
8. **Stone J et al.** Personality change after stroke: some preliminary observations. *J Neurol Neurosurg Psychiatry.* 2004 Dec; 75(12): 1708–1713.
9. **Kim JS.** Post-stroke Mood and Emotional Disturbances: Pharmacological Therapy Based on Mechanisms. *J Stroke.* 2016 Sep; 18(3): 244–255.
10. **Sigmund Freud.** *O Ego e o Id e Outros Trabalhos (1923–1925).* Imago (1976).
11. **Vincent Hale.** *Mesopotamian Gods & Goddesses (Gods and Goddesses of Mythology).* Britannica Educational Pub (2014).
12. **Simson Najovits.** Egypt, Trunk of the Tree, Vol. 2: The Consequences. *Algora Publishing* (2004).
13. **Carl Gustav Jung.** *Collected Works of C.G. Jung, Volume 11: Psychology and Religion: West and East - Volume 11.* Princeton University Press (1970).
14. **Pinheiro JA.** Descartes e o avesso da matéria. *Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas.* Jan/Jun 2016; 16(28):101-111.
15. **Gilbert Ryle.** *The Concept of Mind* (1949). Routledge (2009).
16. **John Locke.** *Ensaio acerca do Entendimento Humano* (1689). Nova Cultural (1999).
17. **Thapar A, Stergiakouli E.** An Overview on the Genetics of ADHD. *Xin Li Xue Bao.* 2008 Aug; 40(10): 1088–1098.
18. **Zhang L et al.** ADHD gene: a genetic database for attention deficit hyperactivity disorder. *Nucleic Acids Res.* 2012 Jan; 40:D1003–D1009.
19. **Hart AB, Kranzler HR.** Alcohol Dependence Genetics: Lessons Learned From Genome-Wide Association Studies (GWAS) and Post-GWAS Analyses. *Alcohol Clin Exp Res.* 2015 Aug; 39(8):1312-27.
20. **Palmer RH et al.** Examining the role of common genetic variants on alcohol, tobacco, cannabis and illicit drug dependence: genetics of vulnerability to drug dependence. *Addiction.* 2015 Mar; 110(3):530-7.
21. **Chen CY et al.** Genetic validation of bipolar disorder identified by automated phenotyping using electronic health records. *Transl Psychiatry.* 2018 Apr18; 8(1):86.
22. **Ferentinos P et al.** Familiality and SNP heritability of age at onset and episodicity in major depressive disorder. *Psychol Med.* 2015 Jul; 45(10):2215-25.

23. **Ronald A, Pain O.** A systematic review of genome-wide research on psychotic experiences and negative symptom traits: New revelations and implications for psychiatry. *Hum Mol Genet.* 2018 May 8. doi: 10.1093/hmg/ddy157. [Epub ahead of print].
24. **Stein MB et al.** Genome-wide analysis of insomnia disorder. *Mol Psychiatry.* 2018 Mar 8. doi: 10.1038/s41380-018-0033-5 [Epub ahead of print].
25. **Rimfeld K et al.** Genetics affects choice of academic subjects as well as achievement. *Sci Rep.* 2016; 6: 26373.
26. **Feder A, Nestler EJ, Charney DS.** Psychobiology and molecular genetics of resilience. *Nat Rev Neurosci.* 2009 Jun; 10(6): 446–457.
27. **Williams FMK et al.** Genes Contributing to Pain Sensitivity in the Normal Population: An Exome Sequencing Study. *PLoS Genet.* 2012 Dec; 8(12): e1003095.
28. **Young EE, Lariviere WR, Belfer I.** Genetic Basis of Pain Variability: Recent Advances. *J Med Genet.* 2012 Jan; 49(1):10.
29. **Gillespie CF, Phifer J, Bradley B, Ressler KJ.** Risk and resilience: genetic and environmental influences on development of the stress response. *Depress Anxiety.* 2009; 26(11):984–92.
30. **Porter S, Yuille JC, Lehman DR.** The nature of real, implanted, and fabricated memories for emotional childhood events: implications for the recovered memory debate. *Law Hum Behav.* 1999 Oct; 23(5):517–37.
31. **Mendez MF, Fras IA.** The false memory syndrome: Experimental studies and comparison to confabulations. *Med Hypotheses.* 2011 Apr; 76(4): 492–496.
32. **David Hume.** *Tratado da Natureza Humana* (1740). Editora Unifesp (2000).
33. **Kitcher P.** Kant on Self-Identity. *The Philosophical Review.* Jan 1982; 91(1):41–72.
34. **Mackie JL.** Kant on Personal Identity. *Grazer Philosophische Studien.* 1980; 10:87–90.
35. **Cummings JL, Petry S, Dian L, Shapira J, Hill MA.** Organic personality disorder in dementia syndromes: an inventory approach. *J Neuropsychiatry Clin Neurosci.* 1990 Summer; 2(3):261–7.
36. **Franulic A, Horta E, Maturana R, Scherpenisse J, Carbonell C.** Organic personality disorder after traumatic brain injury: cognitive, anatomic and psychosocial factors. A 6 month follow-up. *Brain Inj.* 2000 May;14(5):431–9.
37. **Quemada JI, Sánchez-Cubillo I, Muñoz-Céspedes JM.** Organic personality disorder: conceptual review and research strategies. *Actas Esp Psiquiatr.* 2007 Mar–Apr;35(2):115–21.
38. **Earl Conee, Theodore Sider.** *Riddles of Existence: A Guided Tour of Metaphysics.* Oxford University Press (2007).
39. **Michael Lacewing.** *Personal identity: An introduction.* Acessado em <http://cw.routledge.com/textbooks/alevelphilosophy/data/AS/Persons/Personalidentityco ntinuity.pdf>
40. **Jean Paul Sartre.** *A transcendência do ego.* Vozes (2015).
41. **John Perry.** *Identity, Personal Identity, and the Self.* Hackett Publishing Company (2002).
42. **Seteven Pinker.** *Tábula Rasa. A negação contemporânea da natureza humana.* Companhia das Letras (2004).
43. **David Hawkins.** *Dissolving the Ego, Realizing the Self.* Hay House (2011).
44. **Timothy Keller.** *Ego Transformado – A Humildade que Brota do Evangelho e Traz a Verdadeira Alegria.* Vida Nova (2014).
45. **James McCrae.** *Sh#t Your Ego Says: Strategies to Overthrow Your Ego and Become the Hero of Your Story.* Hay House (2017).
46. **Dan Cohen.** *Addicted to My Ego.* Balboa Press (2018).
47. **Nouk Sanchez.** *Take Me To Truth: Undoing The Ego.* John Hunt Publishing (2010).
48. **Ryan Holiday.** *O Ego É Seu Inimigo – Como Dominar Seu Pior Adversário.* Intrínseca (2017).
49. **André Comnte-Sponville.** *O Capitalismo é Moral?* Wmf Martins Fontes (2005).
50. **Aristóteles.** *Ética a Nicômaco.* Martin Claret, 6ª edição (2001).
51. **Yuval Noah Harari.** *Homo Deus – uma breve história do amanhã.* Ed. Companhia das Letras (2015).
52. **Jean-Jacques Rousseau.** *O Contrato Social e outros escritos* (1762). Cultrix (1965).
53. **Erasmus de Roterdã.** *Elogio da Loucura* (1511). Escala (2008).

54. **John Milton.** *Paraíso Perdido* (1667). Martin Claret (2006).
55. **Émile Durkheim.** *Ética e Sociologia da Moral* (1887). Martin Claret (2016).
56. **Mikhail Bakunin.** *Deus e o Estado* (1871). Hedra (2011).
57. **Erick Fromm.** *Análise do Homem*. Zahar (1978).
58. **Carlos Eire.** *Learning to Die in Miami: Confessions of a Refugee Boy*. Free Press (2011).
59. **Mark R. Leary, June Price Tangney.** *Handbook of Self and Identity*. The Guilford Press (2012).
60. **Erik H. Erikson.** *Infância e Sociedade*. Zahar (1976).
61. **Heike vom Orde.** *Perspectives on identity – an overview of identity concepts from psychoanalysis, sociology, and psychology*. Acessado em http://www.br-online.de/jugend/izi/english/publication/television/29_2016_E/vom_Orde-Perspectives_on_identity.pdf
62. **Eric T. Olson.** *Self: Personal Identity*. In Wiliam P. Banks, *Encyclopedia of Consciousness*, Vol. 2. Elsevier Academic Press (2009).
63. **Cerulo KA.** Identity Construction – New Issues, New Directions. *Annu. Rev. Sociol.* 1997; 23:385-409.
64. **Harke A Bosma, E Saskia Kunne.** *Identity and Emotion: Development Through Self-Organization*. Cambridge University Press (2001).
65. **Glas G.** Person, personality, self, and identity: a philosophically informed conceptual analysis. *J Pers Disord.* 2006 Apr;20(2):126-38; discussion 181-5.
66. **Bailey JA.** Self-image, self-concept, and self-identity revisited. *J Natl Med Assoc.* 2003 May; 95(5): 383–386.
67. **Baumeister RF.** Self and identity: a brief overview of what they are, what they do, and how they work. *Ann NY Acad Sci.* 2011 Oct; 1234:48-55.
68. **Karl Zipser.** Wedded to art: Jennifer Hoes, the woman who married herself. *Art & Perception* (2006). Acessado em <http://artandperception.com/2006/12/wedded-to-art-jennifer-hoes-the-woman-who-married-herself.html>
69. **Mark R. Leary, June Price Tangney.** *Handbook of Self and Identity*. The Guilford Press (2012).
70. **Protocolo de Diretrizes Terapêuticas.** *Epilepsia*. Ministério da Saúde (2015). Acessado em <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/04/Epilepsia---PCDT-Formatado--.pdf>
71. **Van Wagenen WP, Herren RY.** Surgical division of commissural pathways in the corpus callosum – Relation to spread of an epileptic attack. *Archives of Neurology and Psychiatry.* 1940; 44:740-9.
72. **Wilson DH, Reeves A, Gazzaniga M, Culver C.** Cerebral commissurotomy for control of intractable seizures. *Neurology.* 1977 Aug; 27(8):708-15.
73. **Asadi-Pooya AA1, Sharan A, Nei M, Sperling MR.** Corpus callosotomy. *Epilepsy Behav.* 2008 Aug; 13(2):271-8.
74. **Cendes F, Ragazzo PC, Da Costa V, Martins LF.** Síndrome de Desconexão Inter-hemisférica após calostomia total associada à comisurotomia anterior para tratamento de epilepsia resistente – relato de um caso. *Arq Neuro-Psiquiat.* 1990; 48(3):385-388.
75. **Puccetti R.** Brain Bisection and Personal Identity. *Br J Philos Sci.* 1973 Dec; 24(4):339-355.
76. **Yun-Jeong Lee et al.** Long-Term Outcomes of Hemispheric Disconnection in Pediatric Patients with Intractable Epilepsy. *Clin Neurol.* 2014 Apr; 10(2):101-107.
77. **Krishnan SS et al.** Neuroplasticity in hemispheric syndrome: an interesting case report. *Neurol India.* 2011 Jul-Aug; 59(4):601-4.
78. **Puccetti R.** The case for mental duality: Evidence from split-brain data and other considerations. *Behavioral and Brain Sciences.* 1981 Mar; 4(1):93-99.
79. **Pinto Y, de Haan EHF, Lamme VAF.** The Split-Brain Phenomenon Revisited: A Single Conscious Agent with Split Perception. *Opinion.* 2017 Nov; 21(11):835-851.
80. **Sean M.** Hemispherectomy in the treatment of seizures: a review. *Transl Pediatr.* 2014 Jul; 3(3): 208–217.
81. **Schusse CM, Smith K, Drees C.** Outcomes after hemispherectomy in adult patients with intractable epilepsy: institutional experience and systematic review of the literature. *J Neurosurg.* 2018 Mar; 128(3):853-861.

82. **van Empelen R et al.** Functional consequences of hemispherectomy. *Brain*. 2004 Sep; 127(Pt 9):2071-9.
83. **Moosa AN et al.** Long-term functional outcomes and their predictors after hemispherectomy in 115 children. *Epilepsia*. 2013 Oct; 54(10):1771-9.
84. **Derek Parfit.** *On What Matters* (2 Volume Set). Oxford University Press (2011).
85. **Peacock WJ et al.** Hemispherectomy for intractable seizures in children: a report of 58 cases. *Childs Nerv Syst*. 1996 Jul;12(7):376-84.
86. **Devlin AM et al.** Clinical outcomes of hemispherectomy for epilepsy in childhood and adolescence. *Brain*. 2003 Mar;126(Pt 3):556-66.
87. **Platão.** *Fedro*. Martin Claret (2007).
88. **Baruch Spinoza.** *Ética* (1677). Ediouro (s/d).
89. **George Herbert Mead.** *Mind, Self, and Society* (1934). University of Chicago Press (2015).
90. **Erving Goffman.** *Stigma — Notes on the Management of Spoiled Identity* (1963). Touchstone Books (1986).